



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

HICK, JOHN. **UMA INTERPRETAÇÃO DA RELIGIÃO: RESPOSTAS HUMANAS AO TRANSCENDENTE**  
TRADUÇÃO DE AGNALDO CUOCO PORTUGAL. PETRÓPOLIS: EDITORA VOZES/ABFR, 2018, 450P.

EVERTON DIEGO TELES<sup>1</sup>

## RESENHA

“Uma interpretação da religião: respostas humanas ao transcendente” (2018) é a principal obra do filósofo britânico, John Harwood Hick (1922-2012). De origem vinculada a Igreja Presbiteriana da Inglaterra, atual Igreja Unida Reformada (Calvinista), Hick é um dos pioneiros na reflexão sobre o tema do pluralismo religioso. Sua influência para o debate foi fortalecida com a tradução de sua tese para a língua portuguesa, publicada em 2018 pela editora Vozes (original de 1989), através do importante trabalho do prof. Dr. Agnaldo Cuoco Portugal. A edição em português mantém todo o original da obra, mas também inclui um Prefácio à edição brasileira (p. 9-12), de Portugal; o Prefácio à primeira e à segunda edição (p. 13- 42); uma breve Introdução (p. 43-58); e um Epílogo (393-430) do próprio Hick.

De modo panorâmico, o autor sustenta que não há problemas lógicos nem epistemológicos em se afirmar igualdade entre diversas religiões naquilo que se refere a noção de verdade e salvação religiosa. Hick defende uma interpretação pluralista da religião, opondo-se especialmente a interpretações inclusivistas e exclusivistas. O conflito que o autor trabalha é comumente conhecido como o problema do pluralismo religioso ou a dificuldade para, igualmente, se justificar, em

1 Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

termos racionais, os desacordos entre interpretações ambíguas da religião. Para tanto a obra é dividida em cinco partes: I - Fenomenológica; II- A ambiguidade religiosa do universo; III - Epistemológica; IV - Pluralismo religioso; e V - Criteriológica.

É importante apontar que Hick entende as religiões como perspectivas humanas que respondem a uma realidade que está além (transcendente) da nossa capacidade de conhecer. O autor pressupõe que: i) só entendemos as religiões por seus sistemas linguísticos e culturais; e ii) toda prática religiosa é centrada na existência de uma dimensão ontológica e independente da sensibilidade humana. Ademais, o autor prioriza a prática em relação à doutrina no seu entendimento das religiões, porém as práticas religiosas fundamentalmente almejam a centralidade na experiência do transcendente. Desse modo, na primeira parte da obra (I – Fenomenológica), o autor foca em dois conceitos interpretativos: i) a “universalidade” da religião em toda a vida humana; e ii) a distinção entre religião pré-axial e pós-axial. Para tratá-los, Hick divide a parte I em três capítulos: 1º) O caráter soteriológico da religião pós-axial; 2º) Salvação/Libertação como transformação humana; e 3º) O otimismo cósmico da religião pós-axial.

Para o conceito de universalidade da religião, Hick adota a posição de historiadores e antropólogos modernos que defendem a crença no sobrenatural como universal, no sentido de reconhecê-la como um elemento da estrutura da nossa consciência e não como um estágio na história da consciência (HICK. 2018. p.61). Quanto ao conceito de distinção entre religião pré-axial e pós-axial, Hick marca a religião pré-axial como “centralmente (mas não apenas) preocupada com a preservação da ordem cósmica e social” (HICK, 2018. p.62), enquanto a religião pós-axial é “centralmente (mas não apenas) preocupada com a busca da salvação ou libertação” (HICK. 2018. p.62). É no período axial ou na passagem do período pré-axial para o pós-axial que essa transição (ordem cósmica para salvação) lentamente se cristaliza em todas as grandes religiões mundiais, centralmente preocupadas com a transformação que promovem na humanidade.

A segunda parte (II - A ambiguidade religiosa do universo), divide-se em: 1º) Os argumentos ontológico, cosmológico e do *design*; 2º) Moralidade, experiência religiosa e probabilidade acumulada; e 3º) A opção naturalista. De modo breve, a “ambiguidade religiosa do universo” se refere a capacidade humana de experimentar a religião por vias de desacordo. A experiência religiosa é marcada pela ambiguidade básica entre o modo religioso e o modo naturalista de experimentar a religião. Nesse capítulo o problema do pluralismo religioso começa a se desenhar com maior clareza, afinal “há discussão quando se pergunta se esses diferentes modos de experiência são igualmente defensáveis em termos racionais” (HICK. 2018. p.110).

Assim, na terceira parte da obra (III – Epistemológica), seis pontos principais são levantados: 1º) Significado natural e experiência; 2º) Significado e experiência

ética e estética; 3º) Significado e experiência religiosa; 4º) Religião e realidade; 5º) Religião não realista contemporânea; e 6º) A racionalidade da crença religiosa. A parte três amplia a exposição sobre a ambiguidade religiosa do universo pontuando que o caráter teoricamente equivoco, que idealmente pessoas religiosas e não religiosas precisam ser capazes de reconhecer, seja analisado a partir do seguinte pressuposto epistemológico: “A coisa conhecida está no conhecedor no modo do conhecedor” (*Aquinate*), ou seja, é pelo conjunto de condições de todo o modo de vida humana que algo se torna humanamente conhecido. Logo, o significado da experiência religiosa é vinculado ao modo do conhecedor, ao experimentar-como do religioso. O conceito de significado é clarificado em dois grupos distintos. O primeiro como significado semântico derivado do sentido das palavras e frases. O segundo como sentido que podemos falar de um evento, uma situação e mesmo da vida como um todo. Um sentido não linguístico de “significado” que Hick adota para se referir a “significado religioso de situações”, eventos históricos ou ainda de existência humana.

A aplicação de um sentido não linguístico de significado não se reduz a noção de sentido da vida, mas demarca o caráter geral da experiência consciente: “Assim entendido, significado é tanto um conceito relacional quanto prático. Significado é sempre *de*, ou em relação a uma consciência ou uma comunidade de consciências”. Essa demarcação é importante para a hipótese pluralista apresentada na penúltima parte da obra (IV - Pluralismo religioso), a qual é dividida em três pontos: 1º) A hipótese pluralista; As *personae* do Real; e 3º) As *impersonae* do Real.

A hipótese de Hick é que existe uma Realidade Última em si (em última análise, ‘o Real’ – denominação muito mais pedagógica do que normativa) inacessível aos sistemas conceituais humanos, porém presente de modo universal nas experiências humanas, formatadas pelos nossos sistemas linguísticos-conceituais e práticas espirituais que permitem tal resposta. Tal compreensão é inspirada na distinção kantiana entre o fenômeno (aquilo que podemos conhecer), e nûmeno (aquilo que não acessamos). Para Kant, não conhecemos a coisa em si (nûmeno), mas somente o que se mostra dela, o fenômeno. Para ele, o fenômeno é dado pelas nossas experiências que são condicionadas pela nossa capacidade de conhecer, a qual não é capaz de acessar algo em si mesmo. Kant não usou tal distinção para a religião, e talvez até relutasse contra tal uso. Já Hick reconhece a religião como um fenômeno dado nas experiências humanas em diferentes condições, contextos culturais e linguísticos, nos quais se manifesta respostas legítimas sobre algo inacessível ao nosso conhecimento.

Na última parte (V – Criteriológica), Hick aborda quatro pontos: 1º) Soteriologia e ética; 2º) O critério ético; 3º) Mito, mistério e as questões não respondidas; e 4º) O problema das alegações de verdade conflitantes. O autor

defende como critério básico de sua interpretação o caráter soteriológico, vinculado a salvação/libertação, e definido como “a transformação da existência humana da centralidade em si mesmo para a centralidade na Realidade” (HICK. 2018, p.325), como componente fundamental das grandes tradições religiosas. Hick entende a soteriologia como um campo vinculado ao modo como cada tradição promove ou dificulta a transformação salvífica.

Por mais opostas que sejam as religiões, todas formam um conjunto cultural e linguístico manifestado de modo singular em resposta ao transcendente. Acessamos o fenômeno religioso no modo em que somos capazes de experimentá-lo, e a diversidade religiosa não pode, nesses termos, desqualificar a razoabilidade em se confiar nas próprias experiências religiosas. Considerando a transformação da vida ou a descentralização dos vícios humanos (corrupção, limitação, maldade...) em prol dos belos frutos morais (bondade, harmonia, alegria, amor...) advindos da centralidade no transcendente como critério fundamental, Hick não vê motivos para não reconhecer que diversas religiões, naquilo que se refere a salvação e verdade religiosa, sejam, portanto, igualmente legítimas.

Antes de finalizar, é importante falar da importância da tradução da obra de Hick para a língua portuguesa. Nesse sentido, é importante ressaltar o cuidadoso trabalho feito por Agnaldo Cuoco Portugal, o qual se demonstra, entre outros aspectos, na manutenção do sentido original dos conceitos de Hick e na capacidade do tradutor em manter o texto fluído e leve em língua portuguesa. Isso, sem dúvidas, ajuda não só a divulgar o pensamento de Hick, mas a difundir questões ainda pouco abordados no Brasil sobre o pluralismo como interpretação da diversidade religiosa. O autor considera explicações científicas e religiosas ao tratar dessa realidade diversa e multifacetada, abrindo uma via alternativa à dicotomia entre interpretações religiosas e naturalistas da religião. Nessa toada, a publicação da obra de Hick em língua portuguesa oferece um amplo conhecimento sobre as principais questões que rodeiam a diversidade religiosa, além de incluir um amplo conhecimento sobre diversas tradições, já que Hick apresenta uma tese refinada e suficientemente clara para o atual debate sobre o tema. Dessa forma, a publicação para o português da tradução feita pelo professor Agnaldo Cuoco Portugal é muito bem-vinda, pois muito contribui para a formação dos alunos dos cursos de filosofia e de teologia no Brasil e fomenta a divulgação da filosofia da religião no meio acadêmico e mesmo fora dele. Num sentido amplo, o livro será muito útil para leitores interessados em conhecer o problema do pluralismo religioso e uma abordagem pluralista do mesmo. Ademais, a obra é muito recomendada para aqueles que desejam estudar filosofia da religião, especialmente, a filosofia de Hick, ou ainda discutir com competência algumas das questões por ele abordadas. Sem contar, é claro, com a alta recomendação da obra como fonte de pesquisa e consulta sobre temas da área.